

Cidadezinha Qualquer – Série de reportagens em cidades goianas com menos de dois mil habitantes¹

Fernando MARQUES²

Gustavo GARCIA³

Nélia DEL BIANCO⁴

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O presente projeto é uma série de reportagens radiofônicas nas seis cidades goianas com menos de dois mil habitantes, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O objetivo foi contar histórias que vão além do estereótipo de que cidades pequenas se resumem a lugares pacatos, seguros e, nos quais, todos os moradores se conhecem. Foram percorridos, ao todo, 4.231 quilômetros para ouvir mais de 30 histórias relacionadas às cidades de Anhanguera, Lagoa Santa, Cachoeira de Goiás, São João da Paraúna, Moiporá e São Patrício. O projeto encontra como justificativa a necessidade de o jornalismo lançar um olhar humanista para o interior e “ir para a rua”, sair das redações dos grandes centros urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: flâneur; Goiás; humanismo; interior; rádio.

1 INTRODUÇÃO

O interesse dos autores era, desde o primeiro momento, desenvolver, como trabalho de conclusão de curso, um produto que envolvesse viagens e humanização do relato jornalístico. A escolha do meio de comunicação se deu por dois motivos: a relação afetiva que a dupla de estudantes possui com o rádio e com as disciplinas sobre o meio ao longo da graduação; e pelo fato de se tratar de um suporte com relativo baixo custo de produção.

Depois da escolha do meio de comunicação, a orientadora do projeto, Professora Dra. Nélia Del Bianco, sugeriu que, para que se justificasse o envolvimento de dois alunos no trabalho, seria importante a produção de seis reportagens.

Diante disso, os autores pesquisaram por elementos que inter-relacionassem seis municípios goianos. Através de uma busca no censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tal característica foi encontrada. No estado de Goiás, existem, de acordo com o documento, seis cidades com menos de dois mil

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria I - Jornalismo, modalidade JO15 Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: jordao.fernando@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: garcia.gustavod@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: neliadelbianco@gmail.com.

habitantes: Anhanguera (1.020 habitantes), Lagoa Santa (1.254), Cachoeira de Goiás (1.417), São João da Paraúna (1.689), Moiporá (1.763), São Patrício (1.991).

Desprovida de muitas informações sobre os municípios, uma vez que raramente eles aparecem na grande mídia, a dupla pegou a estrada em busca de histórias que venciam os estereótipos de que pequenas cidades são lugares pacatos, onde o tempo passa devagar e todos os moradores se conhecem. Características relatadas no poema “Cidadezinha Qualquer” de Carlos Drummond de Andrade, que descreve a vida – de maneira geral – em uma infinidade de pequenas cidades dentro do continental Brasil.

Esses mínimos pedaços de terra, no entanto, guardam grandes histórias sem ninguém para contar. Realidades a poucos quilômetros das capitais, mas muito distantes da vida nos grandes centros. A série de reportagens Cidadezinha Qualquer tenta contrastar mundos. Revelar personagens que não estão nas novelas, nem nos noticiários, mas que mereceriam as primeiras páginas dos jornais.

Para ajudar na divulgação do projeto e, também, para melhor contar as histórias coletadas, os autores do projeto criaram perfis nas redes sociais Facebook (www.facebook.com/cidadezinhaqualquer) e Instagram (@cidadezinhaqualquer). Dessa maneira, a dupla tentou ainda aproximar o projeto do público jovem. Apostando em meios multimídia, os alunos elaboraram uma página na Internet (www.cidadezinhaqualquer.com) para disponibilizar fotografias e vídeos sobre as cidades visitadas.

2 OBJETIVO

O projeto tem por principal objetivo contar, a partir de relatos jornalísticos humanizados, histórias de cidades goianas com menos de dois mil habitantes. Fatos que vão além do senso comum de que municípios pequenos apenas são lugares pacatos, onde todos os moradores se conhecem e há uma ausência de acontecimentos dignos de serem noticiados.

A série de reportagens para rádio buscou apresentar municípios que o público médio de Brasília, por exemplo, jamais ouviu falar. Às cidades visitadas, o projeto apresenta uma leitura externa da realidade vivida pelos moradores. Leitura essa que foi escrita também pelos próprios habitantes das pequenas cidades.

Em campo, o objetivo dos autores do projeto era encontrar, em dois dias de estadia nas cidades visitadas, histórias capazes de despertar o interesse de pessoas de cidades grandes.

Já no momento da edição, o objetivo foi encontrar a melhor maneira de apresentar os fatos apurados. Nessa etapa, procurou-se redigir histórias aprofundadas, mas de maneira leve e atraente para que o produto não se tornasse cansativo aos ouvintes.

3 JUSTIFICATIVA

O presente produto se justifica pela necessidade de vencer o estereótipo sobre a vida em municípios do interior, tidos pela maioria da população das cidades grandes como um lugar em que nada acontece. Esse estereótipo é reforçado pela própria imprensa que pouco, ou nada, noticia acontecimentos nesses locais.

Anos atrás, a vida no interior podia ser, de fato, parada. Prova disso é o poema “Cidadezinha Qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade. Escrito na década de 1930, o texto retrata os municípios pequenos como locais em que tudo acontece devagar e onde a vida é “besta”. O presente projeto se apropriou do título da poesia e o ressignificou justamente para provar que tais municípios podem conter, sim, boas histórias, que despertem o interesse do público das grandes cidades.

Para alcançar essa meta, mostrou-se imprescindível praticar a humanização do relato, afinal, não é possível quebrar estereótipos criados sobre pessoas sem ouvi-las. A prática do jornalismo humanizado, aliás, parece estar se perdendo. Cada vez mais, os jornalistas têm se dedicado à produção de notícias burocráticas, onde apenas fontes oficiais são ouvidas. Isso contribui para que o jornalismo deixe de cumprir sua função social, se afastando da população que não se sente mais representada nos veículos de comunicação.

A quebra do atual *status quo* do jornalismo também justifica a produção do projeto. Com ele, os autores tentam mostrar que é possível fazer jornalismo de qualidade, de maneira independente e com poucos recursos. Uma série de reportagens que procura mudar o foco da cobertura, mantendo-se interessante ao espectador.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Durante a produção do projeto, os autores buscaram, sobretudo, a humanização do relato para narrar os fatos verificados. Ao longo da apuração, escolheu-se evitar a procura por fontes oficiais, especializadas e assessorias de imprensa a fim de que as reportagens não fossem desumanizadas.

O presente projeto também coletou todas as entrevistas de maneira pessoal, frente a frente com o entrevistado, evitando meios indiretos.

Pereira Júnior (2009) explica que a adoção dessas posturas evita a desumanização do relato:

“Quando a observação ou o contato direto dão lugar a meios indiretos de obtenção de informação – o telefone, a internet, o press-release, o arquivo, o risco de desumanizar a cobertura ganha complicadores adicionais, tal o grau de distanciamento a ser agregado à interlocução entre repórter e entrevistado. É uma equação ainda mais complicada quando sai do plano da captação de informação para o relato. Sujeitos de carne e osso viram índices, dados tomam a dimensão do humano, assessorias profissionais substituem o relato vivo e o número, que serviria apenas para contextualizar, é também o que esgota a situação retratada”. (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 96 e 97).

Jorge (2008) apresenta qualidades do repórter humanista. Trata-se de um profissional que se comove com matérias de interesse humano e é contra textos demasiadamente econômicos. É do interesse do repórter humanista histórias emocionais e esse profissional “não gosta de telefone, nem de meios indiretos para colher informações: prefere o olho no olho, a intuição, e confia na sorte e no faro” (JORGE, 2008, p. 78).

Ainda sobre a necessidade de o repórter ir ao local do acontecimento para fazer um relato humanista, Sodr e e Ferrari (1986) afirmam:

“A humanização do relato, pois  e tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador [...] O repórter   aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1^a pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproxima o.” (SODR E E FERRARI, 1986, p. 15).

A jornalista Eliane Brum, no livro de reportagens, “O Olho da Rua”, arremata dizendo que “toda reportagem   um encontro” (BRUM, 2008, p. 150).

Sobre a técnica utilizada durante a apura o   importante dizer não havia muitas informaçoes disponíveis sobre as cidades relatadas nas reportagens. Nas raras ocasiões em que os municípios apareciam em notícias de jornais, as matérias eram sobre casos de violência, acidentes de trânsito ou turismo. Desse modo, a prática *flâneur* apareceu como a melhor forma para a coleta de informaçoes acerca das cidades visitadas. O *flâneur*, na defini o de Baudelaire – a quem   atribuída a cria o do conceito –,   “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experiment -la” (BAUDELAIRE, apud CIDADE E SANTOS In: NASCIMENTO (Org.), 2014, p. 87).

A chegada do conceito de *flâneur* ao Brasil aconteceu na primeira década do século XX, por intermédio do jornalista João do Rio. As autoras Torres e Procópio (2014)

contextualizam essa chegada:

“O rural dava lugar ao urbano. O pensamento racional (influência iluminista) dava os ares de cientificismo e individualismo dos novos tempos, cujo ‘homem perfeito’ era o burguês de status social. As mulheres não tinham ‘dor de cabeça’, mas *misaine*, e aguardavam a última moda estampada nos folhetins. Enquanto isso, os pobres, os negros, os pequenos trabalhadores, não podendo estar incluídos na vida de exaltação do luxo e do novo, eram alijados dessa sociedade, inaugurando o que seriam, posteriormente, os primeiros cortiços e favelas do país. A música popular, o violão, a boemia, eram perseguidos como uma tradição que deveria ser superada; os costumes populares da cultura brasileira eram postos para fora dos centros urbanos. E é nesta realidade esquecida que lança – ávido por conhecer, sentir e reportar, a figura do *flâneur*”. (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 5 e 6).

O conceito de *flâneur* pode ser aplicado ao jornalismo, a fim de produzir conteúdos que não sirvam meramente para informar, mas que também tenham a capacidade de seduzir e encantar os espectadores. “Destá forma – explicam Torres e Procópio –, aspectos como o subjetivismo e o lirismo podem também contribuir para um jornalismo de caráter sério e informativo, muitas vezes, mais profundo do que a escrita meramente factual” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 2).

Ainda segundo a dupla de autoras, o repórter-*flâneur* tem como características:

“A ausência de pautas, sendo o próprio ato de reportar o objetivo das atividades; a procurar por personagens incógnitas e histórias das ‘pessoas simples’, muitas vezes ignoradas; o contato íntimo e até mesmo afetuoso com o espaço urbano; a escrita lírica, que torna possível confundir entrevista, ficção, conto e reportagem [...] O *flâneur*, em sua atuação próxima das ruas e das pessoas, em linguagem lírica, na procura constante da vida incógnita e do ato apaixonado de reportar, contribui ao resgate do jornalismo artístico e literário” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 7 e 11).

Com o advento da tecnologia, a *flânerie* – ou o ato de *flanar* – ganhou também a possibilidade de ser realizada através da internet. Nas palavras de Saturnino, “ao invés de largas avenidas ou geométricos *boulevards*, passamos a experimentar um espaço ‘desterritorializado’. O ambiente simbólico da Internet é o exemplo mais profícuo” (SATURNINO, 2010, p. 6). Para Torres e Procópio, “o próprio ato de ‘surfear’ na internet remete à ação de *flanar*: vagar sem rumo, procurar conteúdos, levado pela curiosidade” (TORRES E PROCÓPIO, 2014, p. 10). Outro autor, Manovich, acredita, inclusive que:

“O *flâneur* virtual é mais feliz por que está em movimento constante. O ‘clique’ em objetos simbólicos ressignifica a experiência da deambulação.

Como se estivesse numa cidade infinita, o utilizador amplia o seu campo de navegação quando internaliza a possibilidade de ‘navegar’ através da aleatoriedade dos cliques” (MANOVICH apud SATURNINO, 2010, p. 6).

Em concordância com essas afirmações, viu-se que seria interessante também criar um site (www.cidadezinhaqualquer.com) e perfis nas redes sociais Instagram e Facebook para o projeto Cidadezinha Qualquer. Desse modo, pessoas que nunca estiveram nas cidades visitadas ou sequer sabiam de sua existência – por vezes negligenciada pela mídia – poderiam *flanar* online e descobrir esses municípios, por meio, sobretudo, de fotos e vídeos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Foram percorridos 4.231 Km ao longo de 16 dias não consecutivos. Além do tempo gasto com o deslocamento, os autores passaram dois dias em cada uma das seis cidades. A sequência de municípios visitados foi a seguinte: São Patrício (15 a 17 de agosto de 2015); Anhanguera (5 a 7 de setembro de 2015); São João da Paraúna, Cachoeira de Goiás e Moiporá (em virtude da proximidade geográfica dessas três cidades, a apuração nelas foi toda feita em uma mesma viagem, realizada entre os dias 10 e 15 de outubro de 2015); por último, Lagoa Santa (20 a 23 de outubro de 2015).

Após a coleta e análise dos materiais, decidiu-se que cada reportagem teria a duração aproximada de dez minutos, tempo entendido como o necessário para contar as histórias coletadas sem, no entanto, cansar o ouvinte. A relevância e a densidade dessas histórias, contudo, podem causar variações na duração de cada um dos programas.

A primeira reportagem, sobre São Patrício (10 minutos e 7 segundos de duração), sintetiza alguns dos fenômenos também comuns aos demais municípios. A falta de médicos e de policiais, a tranquilidade das ruas e as movimentadas festas que fazem a população crescer mais de sete vezes em menos de 24 horas são alguns exemplos. O público também é apresentado a uma das figuras mais inusitadas da série: o Padre Bebezão, um sacerdote que fuma, bebe e já foi até casado.

O segundo episódio (10min46seg) fala sobre Lagoa Santa, o município com mais leitos de hotel do que habitantes. Milhares de turistas visitam a cidade todos os anos em busca da lagoa de águas termais que já foi pública, mas hoje pertence a uma família que chega a cobrar R\$ 35 para os moradores e visitantes usufruírem desse recurso natural.

Lagoa Santa também convive com uma realidade curiosa. Uma ponte de 60 metros separa o município goiano do distrito sul-mato-grossense de São João do Aporé. O problema é que Goiás e Mato Grosso do Sul têm fusos horários diferentes. Assim, a simples travessia da ponte é suficiente para bagunçar qualquer relógio.

A terceira reportagem (15min31seg) é dedicada a São João da Paraúna e ao instigante fluxo migratório de seus habitantes para a cidade de São Francisco, no estado norte-americano da Califórnia. Cerca de 12% da população do município goiano já foi ilegalmente para os Estados Unidos, em busca de uma vida melhor. Em meio a tantas histórias de moradores que deixaram suas casas rumo ao desconhecido, uma em especial chama a atenção. Roni Dias, de 34 anos, passou dois meses viajando até conseguir entrar nos EUA. No caminho, ele esteve frente a frente com a corrupção, o tráfico e a morte.

O quarto programa (9min6seg) aborda a rivalidade existente entre o município de Moiporá e o distrito de Messianópolis. Os moradores do distrito sonham com a emancipação política, que pode se tornar realidade graças a uma onda de desenvolvimento econômico liderada por uma fábrica que se instalou no local. Apesar da rixa, as duas comunidades compartilham problemas, como a falta de lojas que levou uma empresa de outra cidade a expor e vender seus produtos às margens de uma rodovia de alta velocidade.

A mais religiosa das seis cidades goianas com menos de dois mil habitantes é tema do quinto episódio (8min50seg). Cachoeira de Goiás possui seis igrejas, tem diversas frases bíblicas pintadas em muros e é terra natal do médium João de Deus. Além disso, ainda conta com um rio, cuja água, segundo os moradores, é capaz de curar qualquer doença. Uma das mais curiosas histórias de Cachoeira de Goiás, porém, é a de Natal do Nascimento de Jesus, professor de Ensino Religioso do único colégio do município.

Por fim, a última reportagem (9min7seg) mostra os efeitos da crise hídrica na economia de Ananguera, a menor cidade de Goiás e terceira menor do Brasil em número de habitantes. O município já foi um pólo turístico goiano. Acontece, porém, que o rio Paranaíba — que atraía os visitantes — teve o nível drasticamente reduzido. Assim, os turistas desapareceram, o dinheiro deixou de circular e o desemprego já atinge mais de um terço da população. Ananguera também possui algumas histórias curiosas por conta do pequeno número de moradores, como a dos quintuplos que fizeram com que o número de habitantes crescesse 0,5% em um dia e a do vereador que foi eleito como o mais votado da cidade, tendo recebido apenas 74 votos.

6 CONSIDERAÇÕES

Com a série, a equipe acredita ter contribuído para a inserção, mesmo que ainda tímida, das referidas cidades nos meios de comunicação. O presente projeto permite que a população dos grandes centros urbanos conheça algumas histórias e veja algumas imagens (através do site e das redes sociais da série) dos seis menores municípios goianos, a fim de quebrar o estereótipo de que a vida no interior é parada e sem grandes acontecimentos.

Poucos habitantes do Distrito Federal poderiam imaginar que a apenas 356 quilômetros de distância existe uma cidade chamada São João da Paraúna, em que cerca de 12% da população já foi buscar uma vida melhor nos Estados Unidos. Ou mesmo que a 312 quilômetros, em São Patrício, mora um padre apelidado de “Bebezão” que bebe, fuma e já foi casado, mas, mesmo assim, é amado pela população por pregar – com grande conhecimento de causa – a tolerância e o respeito.

Metrópole e interior são vizinhos que, por vezes, se encontram no elevador, mas são incapazes de trocar um mero bom dia. João do Rio, um dos principais flâneurs do país, afirma:

“O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, que todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma.” (DO RIO, apud TORRE E PROCÓPIO, 2014, p. 6).

Para a jornalista Eliane Brum, “num país tão desigual como o Brasil, é missão da imprensa aproximar mundos. E só o encontro honesto, verdadeiro, permite reconhecimento e transformação” (BRUM, 2008, p. 243).

A impressão que se tem, contudo, é que a própria imprensa tem falhado nessa missão. Atualmente, em razão, sobretudo, da escassez de recursos financeiros, o jornalismo tem concentrado suas atividades nas redações. O processo de apuração fica, muitas vezes, limitado a contatos telefônicos e pesquisas na internet.

Em paralelo, o imediatismo da internet é um fator que desestimula as empresas de comunicação a enviarem jornalistas para fora dos grandes centros urbanos e se dedicarem a produção de grandes reportagens, algo que demanda tempo e, novamente, dinheiro.

Assim, o jornalismo atual – salvo exceções – se enquadrou numa rotina de ouvir sempre as mesmas fontes oficiais, para contar, quase sempre, as mesmas histórias. Acontece muitas vezes, inclusive, de o repórter receber informações de fontes por telefone

e sair à rua apenas para confirmar seu *lead*, ignorando ou minimizando outras informações que poderiam ter um interesse público maior.

Sair das redações sem uma pauta para explorar uma cidade desconhecida – como prega a filosofia do repórter-*flâneur* – é algo praticamente inimaginável no contexto do jornalismo atual. E, justamente por não estar acostumada a essa experiência, a equipe de Cidadezinha Qualquer enfrentou dificuldades para produzir a primeira reportagem, sobre a cidade de São Patrício. Após passar dois dias flanando no município, a dupla ouviu diversos relatos, mas não conseguiu estabelecer uma ordem hierárquica entre elas.

Com o auxílio da orientadora Nélia Del Bianco, os autores conseguiram definir o *lead* da reportagem e, mais do que isso, aprenderam a liberar o olhar para que, nas reportagens seguintes, fossem capazes de ouvir as histórias dos moradores sem julgá-las a fim de querer estabelecer um *lead*. Desse modo, a produção dos outros episódios da série tornou-se bem mais fácil.

Por fim, é importante dizer que o projeto teve uma contribuição pessoal para os autores. Após a produção da série, eles desenvolveram um novo olhar sobre a vida no interior e, ao ouvirem as histórias das pessoas simples que habitam essas cidades, também evoluíram como seres humanos. Afinal, como bem afirma Eliane Brum, “a gente não mergulha no mundo do outro impunemente. E depois vai embora como se nada tivesse acontecido. Toda viagem é sem volta” (BRUM, 2008, p. 181).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo: Produção, ética e internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

COVEIRO arrenda área de cemitério para agricultor plantar amendoim. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/vc-no-g1-go/noticia/2014/02/coveiro-arrenda-area-de-cemiterio-para-agricultor-plantar-amendoim.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: Goiás**. 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=52&search=goias>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca: Guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: Um guia abrangente de produção radiofônica**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2001.

OYAMA, Thaís. **A Arte de Entrevistar Bem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia: Métodos de investigação na imprensa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: Um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SATURNINO, Rodrigo. **O Último Suspiro do Flâneur**. Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/saturnino-rodrigo-o-ultimo-suspiro-do-flaneur.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. 7. ed. São Paulo: Summus, 1986.

TAVARES, Mariza. **Manual de Redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.

TORRES, Cibeli Hespagnol; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Estudos e experiências de uma prática flâneur como alternativa ao jornalismo. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.1-13, jan./jun. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8691/7950>>. Acesso em: 12 nov. 2015.